

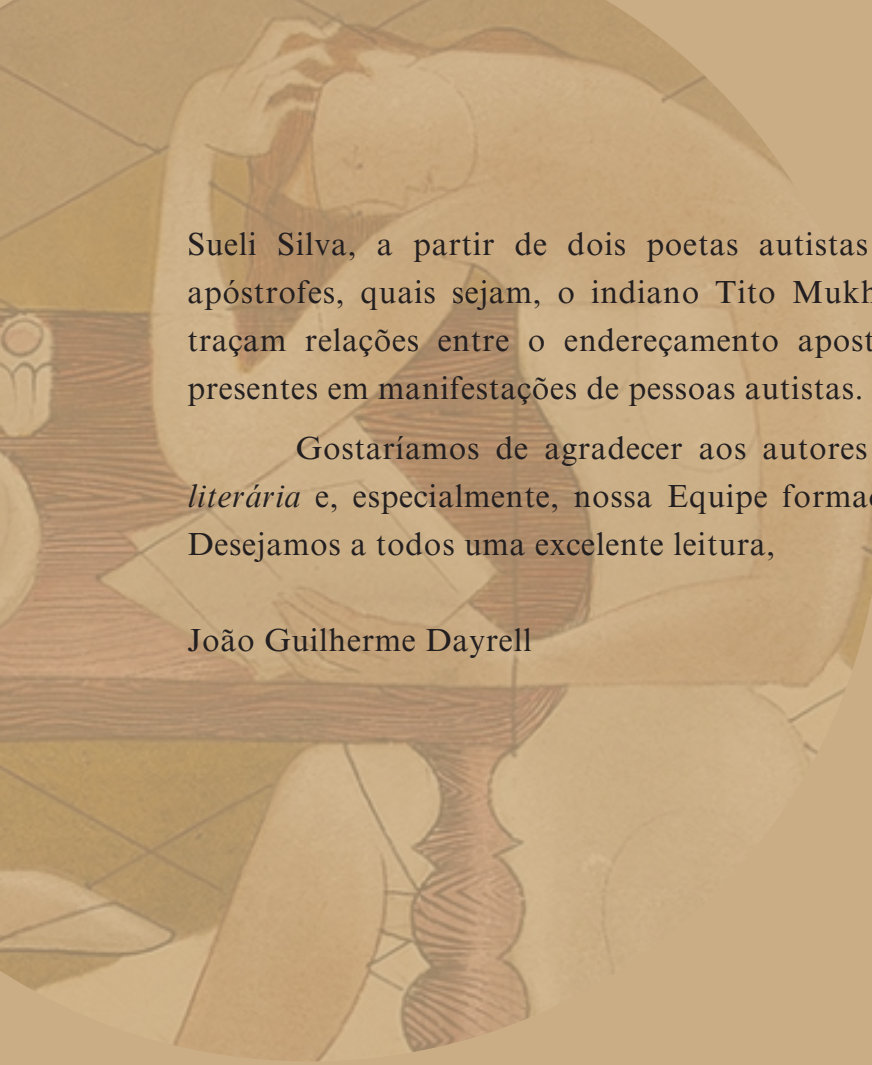


Apresentação do Dossiê “A contemporaneidade da lírica: apóstrofes, endereçamentos e anacronismos”

A presente edição da Revista *Nau Literária* tem o orgulho de trazer a público o Dossiê “A contemporaneidade da lírica: apóstrofes, endereçamentos e anacronismos”, organizado pelo professor João Guilherme Dayrell (UFRGS). O Dossiê toma como ponto de partida o aniversário de dez anos de publicação da obra *Theory of the lyric*, de Jonathan Culler, para pensar a lírica em sua relação com as apóstrofes e os endereçamentos, além dos desdobramentos que resultam daí, a saber: a contemporaneidade da lírica num sentido profundo, isto é, como ela pode colocar o tempo presente em perspectiva ao friccioná-lo com temporalidades heterogêneas; assim como as diversas performances interativas que ela produz por meio dos endereçamentos, elaborando, assim, uma relação mais ou menos simétrica entre a cultura e a assim chamada natureza.

Abrindo o Dossiê, Rita Loiola, em “Ao leitor: reflexões sobre o endereçamento nos poemas de Charles Baudelaire”, analisa a presença do endereçamento no poeta francês partindo do poema de abertura de *As flores do mal*, o qual introduz, para além da habitual continuidade entre eu lírico e leitor, o dissenso, o desvio e a catástrofe. Na sequência, Rafael do Amaral Prudêncio e Natália Fernanda Silveira da Pureza, em “Paris não tem centro: uma poesia cheia de passagens”, examina três versões de um poema de Marília Garcia, o que revela, ao fim e entre outros aspectos, o processo criativo a autora como espaço de experimentação em movimento contínuo.

Já Gabriela de Santana Oliveira e Celia Pedrosa trazem Silviano Santiago e Joëlle de Sermet, entre outros, para atualizarem a discussão sobre o endereçamento e, sobretudo, analisar as obras *Primeiros ofícios da memória* (1964) e *Escavações* (1980), da poeta paulista Neide Archanjo. Em resumidas contas, “Considerações acerca do endereçamento lírico na poesia de Neide Archanjo” propõe que o endereçamento na poesia archanjiana traduz o desejo, na maioria das vezes malgrado, de ser correspondido. Em “Variações do sujeito lírico na poesia de Ana Martins Marques”, Paulo Benites e Gustavo Silveira Ribeiro evidenciam a tensão existente na poesia da mineira entre o íntimo e o exterior que resulta, por sua vez, não em uma solução, mas, talvez, na indeterminação entre saída de si e o eu ensimesmado. Finalmente, em “As coisas não se ouvem de fora: poesia, autismo e apóstrofe em Tito Mukhopadhyay e Mô Ribeiro”, Gustavo Ruckert, Sophia Mendonça, Camila de Oliveira Paz e Selma



Sueli Silva, a partir de dois poetas autistas que se destacam pela utilização de apóstrofes, quais sejam, o indiano Tito Mukhopadhyay e a brasileira Mô Ribeiro, traçam relações entre o endereçamento apostrofístico e o engajamento com objetos presentes em manifestações de pessoas autistas.

Gostaríamos de agradecer aos autores pelo envio de seus artigos para *Nau literária* e, especialmente, nossa Equipe formada por Bianca Jaques e Lidia Casper. Desejamos a todos uma excelente leitura,

João Guilherme Dayrell